

CECÍLIA MEIRELES E O FRUIR DO LIRISMO

*Graça Fonteles*⁷

Há pouco mais de um ano, ao folhear o jornal *Folha de São Paulo*, deparei-me com a propaganda de uma página sobre a novela Jezabel. Naquele contexto, chamou-me a atenção a seguinte frase questionadora: “Pensa que o empoderamento feminino é de agora?”. Ao ler aquele desafio, instintivamente me reporte ao início do século XX, quando a poetisa de origem portuguesa açoriana, Cecília Meireles, nasceu. Naquela época, os costumes da sociedade vigente, sem sombra de dúvida, eram bem mais rigorosos do que estes do século XXI, onde o olhar sobre o empoderamento feminino abriu seu leque para “mares nunca dantes navegados”. Cecília, desde cedo teve seu talento reconhecido e, aos nove anos, recebe um prêmio das mãos do grande poeta parnasiano Olavo Bilac, que era, na época, Inspetor Escolar no Rio de Janeiro. Ambos tiveram obras reconhecidas em Portugal.

Assim, dou início às loas dirigidas a essa grande poetisa Cecília Meireles, cujos passos, tocados por seu singular lirismo, encontrados em sua produção poética, a conduziram, *a posteriori*, a ser considerada como uma das fundadoras da literatura feminina no Brasil. Novíça em um universo pontificado pelo masculino, sua ascensão ao pódio, como uma das maiores poetisas brasileiras, faz jus a sua ousadia no enfrentamento da selva de preconceitos de uma sociedade obscurantista, através das

7 Graça Roriz Fonteles, é natural de Fortaleza-Ceará, é poetisa, formada em Odontologia, Mestre em Farmacologia e Ciências da Religião, e Doutora em Letras. Autora do livro de poesias *Garimpo de Sonhos* (2000); *Cecília Meireles – Lirismo e Religiosidade* (2010); o livro de memórias *No Colo de minha Mãe* (2013); *O Sagrado no Olhar Feminino* (2016) e *Lirismo do Silêncio* (2019). “Repensando Cecília Meireles”, In: *Quaderns de Versàlia, IX*, Barcelona, (2019). Participou de dezesseis antologias com poesias e prosas. Membro da Academia Fortalezense de Letras (AFL), Academia Cearense de Cultura (ACECULT), União Brasileira de Escritores (UBE) e da Rede de Escritora Brasileira (REBRA).

letras. Certa vez, ao ser inquirida, chegou a confessar que “uma certa ausência do mundo” poderia ser considerada seu grande defeito; isso posto, talvez essa “ausência”, seja precisamente sua maior qualidade, que a direcionou para seu *ab imo pectore*⁸, fonte de onde fluíram seu lirismo, sua verve e a grandiosidade de seu poetar, tornando-a, assim, capaz de lapidar ausências e dores adormecidas, enquanto espera o irromper de asas durante os anos de sua puerilidade para, posteriormente, abri-las em pleno voo à caça de diamantes literários. Assim trabalha o eu lírico que a caracteriza açoitado pelo lirismo e cativo das memórias. A jornada do eu lírico é o resultado de um processar sob o véu da interpretação, o registro em uma linguagem poética de sensações e emoções que transitam entre o olhar e o coração. Como se o eu lírico fosse o primeiro a ver e elucidar essas emoções, em seu virginal olhar. Em 1919, adentrou o mundo das letras pela porta principal, ao lançar *Espectros*, opúsculo de dezessete belos sonetos. Esses sonetos, primícias de uma poetisa que sabe perlustrar de forma escorreita sua verve, já deixam entrever o sentimento místico e religioso que acalanta a sua alma pueril. Quando da publicação de seu segundo livro, em 1923, a poetisa lança em edição geminada *Nunca mais...* e *Poema dos Poemas*. Nesse segundo volume, *Poema dos Poemas*, o eu lírico inebriado por muitas letras, em parceria com o Simbolismo, cujos resquícios vicejantes de uma época que estava a se extinguir ainda persistem, descreve um rito de passagem do profano para o sagrado, e, faz uma oferenda ao ser divino, o Eleito,

A Ti,
Ó Sol do último céu,
Por quem sofre
Toda a imensa miséria
Da minha treva...

8 Expressão com origem em Virgílio, que traduz a profundidade de um sentimento.

O eu lírico, se posta, uma vez mais resplandecente em sua originalidade e realiza a nostalgia de um tempo edênico, celestial, onde aguarda a comunhão pura e singela com o Eleito. Estes dois livros iniciais foram incluídos apenas em publicações póstumas, pois a própria autora considerava sua obra a partir do livro “Viagem” (1939), premiado pela Academia Brasileira de Letras.

A poetisa não carece de apresentação, que esta já é feita por seus versos que seguem seduzindo e, enquanto houver amantes da poesia, a magia navegará os mares de sua criação, entre os acidentes de dores e amores vivenciados na infância e retrabalhados pelo olhar do eu lírico que divisa o sagrado, entre ausências, perdas, ou mesmo nos atropelos comuns da vida. Parte a poetisa em busca de novas trilhas literárias. Apesar de sua compleição aparentemente frágil, trazia dentro de si uma força capaz de vencer adversidades circunstanciais comumente encontrada em uma sociedade de costumes arraigados e plena de restrições próprias da época. Nessa vivência singular, esculpe o poema que, há muito gestado, agora vem à luz. Sua obra determina seu poetar como nascedouro de um universo onírico, quiçá desconhecido até então, cuja experiência criativa, agora alada, torna-se capaz de alçar voos estelares, percorrendo distâncias com a velocidade da luz, tão íntimas e tão próximas do eu lírico. Tomada pela graça da simbologia, a poetisa em sua verve se apossa de luz, até mesmo na sombra, como em *Solombra*, seu último livro de poemas, publicado em 1963, no qual o lirismo voeja em seus vinte e oito poemas instigados por sombras, silêncio, solidão, possivelmente a proximidade da morte a consumia e, encerra o poema 22 com a pergunta enigmática: “Que labirintos bebem meu rosto?” A epígrafe desperta a atenção do leitor que se debruça sobre o livro instando-o a devorá-lo pela leitura: “Levantei os olhos para ver quem falara. Mas apenas ouvi as vozes combaterem. E vi que era no Céu e na Terra. E disseram-me: Solombra”. A palavra

estranha que remete ao arcaísmo de sombra. Surpreendente é o poema “Motivo”, no qual, ela define poeta ao versejar: “Eu canto porque o instante existe/e a minha vida está completa. / Não sou alegre nem sou triste:/ sou poeta”. Dessa forma expressa o desejo de usar a palavra poeta, ao referir-se ao seu poetar. Em distintas maneiras o eu lírico declina do próprio ser, seu autorretrato e o indeclinável escondem-se nas entrelinhas e reticências tornando esses singulares poemas, harmônicos e dissonantes ao desabrochar de cada reticência “— Em que espelho ficou perdida a minha face?” E as andanças por mares, viagens aportam no *Mar absoluto* com seu “Retrato obscuro”: “(...) sei quando ela fala, que é diferente de todos, / e, mesmo quando se parece comigo, fico sem /saber se sou eu”.

Daí a se pensar que dois eu líricos encontram-se e se miram. Contudo, há, ainda a dúvida de suas identidades. Mas o que verdadeiramente importa ao leitor é a pureza que se desnuda a cada versejar. É o emergir de um mundo interior que vai, com ousadia, fazer o leitor como sombra, deixando-o ser o acompanhante de uma jornada poética. Em misto de lirismo, no fruir dos sentidos e do espírito, une os mundos. Assim, em “Crônicas de Viagem-2”, ela pontua como o rastro de um cometa “Luz da Holanda”:

É uma luz preciosa que deixa em todas as coisas um nimbo
de ouro. Tão leve, tão delicada, tão doce (...). É uma luz
esvoaçante (...) que se desprende e joga-se para longe, (...)
(...) E a luz deliciosa passeia pelas dunas, vai muito longe,
até onde as espumas do mar se aglomeram, indecisas (...)

Observa-se que o eu lírico pontifica entre a luz e as sombras, a pautar uma realidade sublimada, onde pegadas de sonhos se transmutam em debuxos alados, como bem disse a poetisa em carta,

de 1938, publicada na “Introdução” de *Poesia completa*, em 1993, ao confessar, para sua amiga, como seu amor pela Índia a influenciara:

À noite, no meio do sonho, parecia que me despertava no corpo,
e andava por singulares caminhos, com atmosferas coloridas,
onde certos vultos deslizavam, atravessaram-me, e eu os inalava,
e assim nos comunicávamos. (...) Era um arrebatamento.

A noite e as sombras continuam a vaguear por seu eu lírico, como no poema “Um”, dos “Doze Noturnos da Holanda”:

(...) Árvores da noite...Pensamento amante...

—Transporta-me a sombra, na altura profunda,
aos campos felizes onde se desprende
o diurno limite de cada criatura. (...)

Muitas viagens por mares e ares faziam-na delirar, tomada de emoções que enchiam seu peito de poeta e, abstendo-se do excesso, compõe sua escrita, em *Crônicas de viagem-1*, descreve a percepção lírica como parte dessa nova terra:

Porque viajar é ir mirando o caminho, vivendo-o em toda a sua extensão e, se possível, em toda a sua profundidade, também. É entregar-se à emoção que cada pequena coisa contém ou suscita. É *expor-se* a todas as experiências e todos os riscos, não só de ordem física — mas, sobretudo, de ordem espiritual. Viajar é uma forma de meditar.

Cecília foi muito além do poetar, destacando-se em todas as áreas em que pontificou, desde o ensino como professora, além de educadora, jornalista, escritora e tradutora. Sempre com desvelo, sendo que sua estrela continua a brilhar através de suas obras acrônicas. Sua fortuna crítica é riquíssima, não apenas por sua qualidade poética, mas, igualmente, por fornecer ao leitor ideias capazes de serem retrabalhadas no universo de ausência e dores de cada um.